



PSICANÁLISE

Marisa P. Mélega

# Símbolos em psicanálise

*Continentes de experiências emocionais*

**Blucher**

# SÍMBOLOS EM PSICANÁLISE

*Continentes de experiências emocionais*

Marisa P. Mélega

*Símbolos em psicanálise: continentes de experiências emocionais*

© 2022 Marisa P. Mélega

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Lidiane Pedroso Gonçalves

*Preparação de texto* Maurício Katayama

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Ana Lúcia dos Santos

*Capa* Leandro Cunha

*Imagem da capa* iStockphoto

---

# Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Mélega, Marisa Pelella

*Símbolos em psicanálise: continentes de experiências emocionais* / Marisa Pelella Mélega.

– São Paulo : Blücher, 2022.

182 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-545-9 (impresso)

ISBN 978-65-5506-541-1 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Sinais e símbolos. I. Título.

22-1248

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução	9
Prefácio	15
1. O conceito de símbolo em psicanálise pelo modelo pós-kleiniano de mente	23
2. Mente simbólica: nascimento	45
3. Vicissitudes na formação da mente simbólica	57
4. Formação de símbolos de crianças em análise	71
5. Da experiência emocional às imagens oníricas durante o processo analítico de adultos	119
6. Conflito estético e formação de símbolos	143

7. Formação de símbolos na criação artística: conjecturas de uma psicanalista	163
Referências	177

# 1. O conceito de símbolo em psicanálise pelo modelo pós-kleiniano de mente

A noção de simbolismo está, hoje, estreitamente ligada à psicanálise. No entanto, as palavras *simbólico*, *simbolizar* e *simbolização* são, muitas vezes, utilizadas em sentidos diversos; finalmente, os problemas que dizem respeito ao pensamento simbólico, à criação e ao manejo dos símbolos dependem de tantas disciplinas (psicologia, linguística, epistemologia, literatura, história das religiões, etnologia etc.) que existiu especial dificuldade em querer delimitar um uso propriamente psicanalítico desses termos e em distinguir-lhes as diferentes acepções. Essa definição será feita mais adiante, a partir das contribuições de Bion e de Meltzer.

Os símbolos são incluídos na categoria dos sinais, mas, se quisermos especificá-los como evocadores de uma relação natural, de algo ausente ou impossível de se perceber, já encontramos várias objeções; assim, quando se fala de símbolos matemáticos ou de símbolos linguísticos, exclui-se qualquer referência a uma relação natural.

O uso terminológico comprova, portanto, variações muito extensas no emprego da palavra “símbolo”. Este não implica

necessariamente a ideia de uma relação interna entre o símbolo e o simbolizado, como demonstra o emprego do termo “simbólico” por Claude Lévi-Strauss, em antropologia, e por Jacques Lacan, em psicanálise.

Ao distinguirmos um sentido amplo e um sentido restrito do termo “simbólico”, não fazemos mais do que retomar uma distinção apontada por Freud.

Há um sentido muito amplo do termo quando se diz, por exemplo, que o sonho ou o sintoma são a expressão simbólica defensiva de desejo ou de conflito, entendendo-se que são exprimidos de forma indireta, figurada, e difícil de decifrar. O sonho da criança é considerado menos simbólico do que o sonho do adulto, na medida em que o desejo, expressando-se nele de uma forma um pouco ou nada disfarçada, seria, então, facilmente legível.

De modo mais geral, o termo “simbólico” é empregado para designar a relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, de um pensamento, de uma palavra, ao seu sentido latente. Diversos autores (Rank, Sachs, Ferenczi, Jones) consideram que só podemos falar de simbolismo em psicanálise nos casos em que o simbolizado for inconsciente.

Note-se que, nessa perspectiva, o simbolismo envolve todas as formas de representação indireta, sem discriminação mais definida entre este ou aquele mecanismo.

Entre os acréscimos introduzidos por Freud ao texto original de *A interpretação dos sonhos* (1900), em particular os referentes ao ano de 1914, os mais importantes dizem respeito ao simbolismo nos sonhos.

Desde a primeira edição desse livro pôde-se notar que Freud havia reconhecido a existência dos símbolos.

Aos poucos, Freud foi atribuindo importância cada vez maior aos símbolos, particularmente pela elucidação de numerosas variedades de sonhos típicos e pelos trabalhos antropológicos que mostraram a presença do simbolismo em outros domínios além do sonho.

Com a extensão da teoria do simbolismo, Freud é levado a reservar ao simbolismo um lugar à parte, tanto na teoria do sonho e nas produções do inconsciente como na prática da interpretação.

A aceção de símbolo de Freud dava conta de sua “técnica verbal” e de sua compreensão dos sonhos como alternativa simbólica para a descarga de energia psíquica. Tanto as palavras quanto os sonhos evitariam, assim, a descarga pela via muscular, como ele escreveu a respeito dos processos primário e secundário. Freud se deteve principalmente no conhecimento dos símbolos vindos da cultura.

Com esse enfoque, a energia psíquica, derivada das pulsões, ao ser impedida de obter satisfações corporais por proibições (superego e cultura), seria convertida em fins sociais por meio da sublimação, que, para Freud, passou a ser um processo que explicaria aquelas atividades humanas (atividades artísticas, investigação científica e outras) sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontram seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Esse processo, que mudaria a meta e o objeto da pulsão, ficou, no entanto, incompleto em sua teorização.

Para Melanie Klein, a descarga de energia psíquica pela via muscular, mencionada por Freud, ganha o status de simbólica.

Ao observar bebês e analisar crianças por meio de seu brincar, Klein (1932/1969) percebeu que elas representavam simbolicamente fantasias, desejos e experiências. Ela considerou o brincar equivalente aos sonhos.



Em “On Observing the Behaviour of the Young Infant” (em português, “Observando o comportamento do bebê”), Klein (1952) demonstrou que o brincar era tão simbólico quanto usar as palavras, embora no brincar houvesse descarga muscular. A partir daí, foi necessário que ela avançasse na noção vigente de fantasia.

Freud considerava as fantasias como defesas contra recordações; seriam “fachadas psíquicas”, com características conscientes de devaneios e um meio de descarga alternativo à ação muscular. As descobertas de Klein conduziram-na a reconhecer a existência de *phantasias* inconscientes (e esse sentido psicanalítico foi grafado pelos tradutores em inglês com “*ph*”, *phantasy*). Essas *phantasias* foram descritas como *phantasias* originárias, estruturas fantásticas típicas, como a cena primária, a castração, sempre de origem filogenética.

Klein, no entanto, considerou que a fantasia não seria necessariamente um meio de descarga alternativo à ação. Ela conceituou as “*phantasias* inconscientes” como originadas dos impulsos corporais, das primeiras sensações, e não do conhecimento articulado com o mundo exterior. Assim, as primeiras *phantasias* inconscientes representam psiquicamente os impulsos libidinais e destrutivos e, com o desenvolvimento psíquico, convertem-se progressivamente em meios de defesa contra ansiedades, em formas de controlar e inibir impulsos, em formas de expressão de desejos de reparação.

As *phantasias* inconscientes primárias se expressam por processos mentais muito distantes das palavras conscientes e do pensamento verbal, e, mesmo no adulto, elas continuam conjunta e independentemente das palavras, indicando que significados e sentimentos são muito mais antigos que a linguagem, tanto na experiência da raça como no desenvolvimento emocional infantil.

Testemunho disso são os sonhos em que vivemos cenas dramáticas em termos visuais. No desenho, na pintura e em todas as

artes, por meio de um traço, uma forma, uma cor, um movimento, colhem-se os mais diversos significados.

Em nossos relacionamentos, a expressão facial, o tom de voz e outros gestos comunicam significados mesmo sem palavras, ou apesar delas.

Klein, em seus trabalhos *A análise infantil* (1981) e *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (1996), adotou o ponto de vista de Ferenczi, segundo o qual a identificação primária é a precursora da simbolização, ou seja, é resultado do empenho da criança para associar em cada objeto seus próprios órgãos e como eles funcionam. Klein demonstrou que, desde os estágios mais iniciais, o bebê começa a “busca de símbolos” e faz isso a fim de aliviar-se de experiências penosas.

Os conflitos com objetos primários (seio/mãe, pai) e a ansiedade por estar sendo, na *phantasia*, perseguido por eles levam à busca de novos relacionamentos com objetos substitutos, constituindo-se em uma estratégia defensiva.

Na obra de Klein há, portanto, uma descrição da formação de símbolos desde os mais arcaicos. Os símbolos são entendidos, desde o início, como um recurso para a expressão interna e externa da atividade da fantasia inconsciente. Muito embora Klein tenha considerado a formação simbólica desde o início (a *phantasia* inconsciente, o brincar), mostrando-a por meio de sua prática, não formalizou uma conceituação teórica a respeito, e acabou predominando em sua obra a simbolização na posição depressiva, fim do caminho do processo simbólico.

Para esse autor, os símbolos representam principalmente uma defesa contra a ansiedade, mas são também entendidos como uma expressão criativa. A criança, espontaneamente, sem se ater aos símbolos convencionais, cria os seus próprios, que, embora não

tenham uma qualidade social, são compreensíveis como experiências de partes do corpo e das relações entre essas partes: é a expressão simbólica original.

Bion produziu ao longo dos anos, desde 1957, um conjunto de ideias que se tornaram um modelo epistemológico da mente. Ele descreveu dois funcionamentos mentais: a mente automática ou protomente e a mente simbólica, esta resultante de processos de elaboração a partir de experiências sensoriais e emocionais que são o centro do significado da vida psíquica.

Bion conjecturou que essa transição do sensorial (biológico) para o mental acontecia por um funcionamento da personalidade que chamou de “função alfa”. Essa função convertia os dados sensoriais e emocionais em elementos alfa, armazenáveis na mente e usados para pensar, sendo os significados ou símbolos da experiência emocional. Para pensar, é essencial construir um aparato mental, que resulta de uma relação continente-contido cujo protótipo é a relação mãe-bebê operando com *reverie*, a capacidade de receber as identificações projetivas do bebê e elaborá-las em significados pela ação de sua função alfa, e devolvê-las ao bebê, que, ao introjetá-las, passa a identificar-se com a função mental da mãe.

Em “Uma teoria sobre o pensar” (1962), Bion afirma que os símbolos são o coração da personalidade, e esta depende, para o seu crescimento, de poder pensar acerca das emoções das relações íntimas.

As emoções, para Bion, são os vínculos das relações íntimas que ele assim descreve: (L) Amor, (H) Ódio e (K) Conhecimento, e seus negativos (-L) menos Amor, (-H) menos Ódio e (-K) menos Conhecimento. Desse modo, Bion construiu uma Teoria dos Afeitos, e, de acordo com essa teoria, a experiência emocional é transformada em símbolos toda vez que o vínculo K acontece.

Meltzer, seguindo essa teoria, resolveu clarear o significado dos vínculos negativos, explicando: (-L) menos Amor = Puritanismo; (-H) menos Ódio = Hipocrisia; (-K) menos Conhecimento = Filistinismo, estar contra qualquer ideia nova, uma condição que impede o aprender da experiência. Outra condição contrária à formação de símbolos descoberta por Meltzer (1988) é a não superação do conflito estético, que veremos mais adiante.

Vamos apresentar uma breve descrição de sequências de conduta de um bebê e suas tentativas de dar sentido à experiência vivida na interação com sua mãe.

Usamos como referências teóricas o conceito de brincar de Klein, sendo manifestações da fantasia inconsciente e a expansão desse conceito, dado pela Teoria do Pensar, na qual o brincar, como o sonhar, é uma manifestação do pensar.

As sequências que vamos apresentar resultaram da observação mãe-bebê pela técnica Esther Bick e foram supervisionadas durante seminários conduzidos pela autora.

A observação da relação mãe-bebê por meio da técnica Esther Bick possibilita-nos acompanhar alguns momentos da intimidade de uma relação mãe-criança e estudar o que se passa no trajeto entre a emoção e a produção da imagem onírica (representação da emoção). Aproxima-nos da “área de mistério” em que atua a função alfa.

Sabemos que é primeiramente a mãe a realizar a função alfa pelo bebê, que se expressa, de início, por meio de seu *reverie* e de sua atenção-presença mental. Podemos observar um bebê sendo amamentado, sugando leite do peito da mãe, olhando nos olhos que estão atentos a ele, ouvindo a voz da mãe dirigida a ele e sentindo o firme aconchego de seus braços, conjunto de atitudes que surgem desse estado de mente empático com a fragilidade e a

dependência do bebê. A mãe transmite, dessa forma, ao bebê o que ela elaborou a partir do que percebeu do estado emocional dele.

Júlia está com 3 meses e 7 dias, e a observadora descreve na supervisão cenas colhidas durante a visita à família:

*(...) a mãe aproximou-se do berço, e Júlia, ao vê-la, agitou os braços e sorriu demoradamente. A mãe inclinou-se sobre o berço e, dirigindo-lhe o olhar, perguntou-lhe se estava com fome. Júlia respondia “A-rru” seguidamente. A mãe levantou-a do berço para trocar sua fralda. Enquanto isso, falava com Júlia e com a observadora. Ao terminar a troca, a mãe levantou Júlia, segurou-a contra o peito e voltou a indagar se estava com fome, ao que ela respondia com “A-rru”. Foram até o living, onde o pai estava telefonando, e a bebê foi deitada no sofá ao lado do pai; em seguida, a mãe sentou-se e, enquanto conversava com o marido sobre assuntos a serem resolvidos durante o dia, tirou a blusa, colocou Júlia no colo, mas não ofereceu imediatamente o peito. Júlia emitiu um choro forte, e a mãe aproximou-lhe o mamilo, o bebê abocanhou com força, mamando seguidamente por volta de cinco minutos. Engasgou-se por duas vezes, afastou-se e rapidamente retornou ao peito. Mexia com a mão direita no colo da mãe enquanto mamava; sua mão esquerda estava solta, e, a um certo momento, sua mãe segurou-a e percebeu que estava fria. Aqueceu-a com sua própria mão, enquanto olhava-a nos olhos.<sup>1</sup>*

---

1 Agradeço à Lucia Amaral pelo material de observação de Júlia.

*Nesse momento, Júlia olhou para os olhos da mãe e soltou o mamilo. A mãe disse: “Pronto! Não olho mais! Continue mamando, mocinha”. Reconduziu-a ao mamilo, e a bebê pegou, sugou e largou, sorrindo, olhava nos olhos da mãe, falava “A-rru” e passava a mãozinha no seio. Essa cena repetiu-se três vezes. Por fim, a mãe achou que ela não queria mais mamar, e colocou-a de pé em seu colo para que arrotasse (Mélega, 2008, p. 340).*

Os detalhes muito bem observados nessas cenas apresentadas permitiram entrar na intimidade dessa relação mãe-bebê, em que Júlia foi tendo a experiência de ser compreendida em suas comunicações, mostrando incorporar tais configurações de compreensão, e foi configurando-se um vínculo K entre M. e B., essencial para aprender da experiência.

A boca-mamilo-leite é acompanhada pelos olhos-mente-atenção-compreensão da mãe. Não é difícil imaginar que Júlia esteja “pensando”, dando sentido à relação com o seio e com a mãe, por meio de sorrisos, olhares e “A-rrus”, produzindo representações e signos, a caminho da criação de símbolos. As experiências de acolhimento e transformação descritas possibilitam supor que Júlia esteja introjetando um “seio pensante”.

### *Um estudo da formação simbólica inicial*

Durante meu percurso clínico, frequentemente repensava o que teria se passado com Hugo (8 anos), por ele apresentar grande dificuldade de introjetar, ou com Mauro (11 anos), que não conseguia usar o continente analítico para se desenvolver, e Mariana (7 anos), que, após vários anos de trabalho analítico, mantinha um terror ao contato e fechava-se em suas fantasias onipotentes, enquanto

Letícia, Luísa, Marcelo e muitas outras crianças que pareciam apresentar sintomas próximos aos citados evoluíram logo durante o trabalho de análise, pondo em marcha seu crescimento simbólico.

E o que se passava com aqueles adultos que, mesmo após longa análise, voltavam a procurar uma nova, na busca de “algo que não conseguiram”, movidos por angústias existenciais e/ou sintomas físicos?

O que haveria de tão difícil nessas personalidades que o trabalho de análise não conseguia abordar ou modificar? Estaríamos diante de uma constituição “desfavorável” para a vida? Desde o nascimento? Ou o patrimônio genético foi sendo deteriorado desde os seus inícios pela ação do ambiente (personalidade dos pais, traumas sociais e outros)?

Durante certo tempo, o que não sabíamos era colocado no “baú da constituição do indivíduo”, mas a força do impulso de vida, a inveja primária, a tolerância à frustração foram definidas como constitucionais por Klein e Bion.

Com o avanço trazido pelos estudos em observação de bebês nas famílias e pelas descobertas clínicas, principalmente vindas de análises de crianças e de psicóticos, algumas teorias e conceitos foram sendo reformulados. Assim, a Teoria da Identificação Projetiva de Klein (1946) ganhou em extensão quando Bion acrescentou o conceito de identificação projetiva realista, ao tratar da relação mãe-bebê em sua Teoria do Pensar (realista pois o bebê não tem, no início, outra forma de comunicar-se a não ser por identificação projetiva). Bick, ao aprofundar sua visão acerca dos estados iniciais do recém-nascido, formulou um novo conceito de identificação, o conceito de identificação adesiva. Esse mesmo conceito foi concomitantemente formulado por Donald Meltzer, que enfatizou, além disso, a importância da formação do espaço interno, fantasia que o indivíduo tem acerca de seu mundo mental, espaço interno este

que é insuficientemente constituído nas síndromes autistas e nas personalidades em que predomina o uso de identificação adesiva. Essas descobertas levaram a novas reflexões acerca da formação do mundo interno e dos fenômenos introjetivos.

Klein afirmou que a introjeção de um seio bom garante a força de ego. Para Bion, a introjeção de uma relação inicial em que há um objeto (a mãe) que acolhe e escuta (*reverie*) e elabora os terrores, as angústias (pela sua função alfa) e responde por meio de uma comunicação compreensível ao bebê que ele pode introjetar é a base para um bom desenvolvimento emocional, para um crescimento da mente simbólica e da capacidade para pensar. Mas do que depende tal introjeção? Apenas de uma oferta ambiental adequada? E o que queremos dizer quando falamos em “força do ego”?

Voltando a meus casos clínicos anteriormente nomeados, creio que estamos lidando o tempo todo com o binômio *nature* × *nurture* ao examinarmos a estrutura psíquica inicial do indivíduo.

Nós, psicanalistas, tendemos a acreditar que as primeiras relações de indivíduo marcam e deixam um vocabulário “de sentir e de pensar”; acreditamos que a oferta de uma nova relação, a analítica, pode trazer mudanças psíquicas. Sim! Mudanças na maneira de lidar com as próprias estruturas mentais, mudanças na capacidade de articular e expandir o pensar, mas não mudanças na estrutura inicial, tal qual a estamos considerando!

A introjeção não estável do objeto bom (objeto que dê continência) pode acontecer pela insuficiência do objeto parental, ou por uma incapacidade de introjeção do sujeito, mas também pode acontecer porque o sujeito não conseguiu estruturar um espaço interno, a tridimensionalidade. A bidimensionalidade não mantém os objetos dentro de si, não mantém os construtos vinculares resultado das relações iniciais!



Voltando à questão “O que se entende por força de ego?”, cito o trabalho de conclusão de Observação Mãe-Bebê (1992), do colega Isaias Kirchbaum,<sup>2</sup> que inicia desta forma:

*O fracasso para poder viver a própria vida por si mesmo e com os outros, revela catástrofes que surgem nos estágios iniciais da vida. Juntamente com a não evolução ocorre o não desenvolvimento da capacidade mental necessária para processar experiências emocionais em particular aquelas que implicam dor mental. (Méllega et al., 2008, p. 59)*

Esse autor segue considerando que, diante do impacto promovido por impressões sensoriais e experiências emocionais, o bebê se encontra na condição de enfrentá-las ou de evadir-se. Sim, tal escolha será, em parte, determinada pela capacidade de suportar dor mental/frustração (considerada constitucional por Bion). É preciso também levar em conta a desproporção entre o montante de dor/frustração e a condição mental possível alcançada pelo bebê, conforme sua idade evolutiva, para lidar com tal experiência.

O contato com os relatos de observação dos alunos em supervisão semanal, em grupos didáticos por mim coordenados, foram aguçando minha escuta para acompanhar o vínculo mãe-bebê, o *reverie* materno, a capacidade do bebê de lidar com frustrações.

Quantas histórias naturais fui seguindo e quantas reações dos alunos-observadores fui trabalhando com eles: o “furor antimãe” e a identificação, frequentíssima, do observador com o bebê!

---

2 Analista didata da SBPSP.

Dessas experiências, nasceu a curiosidade de verificar que relação haveria entre o *reverie* materno e a capacidade do bebê para desenvolver-se simbolicamente.

Lembramos que a atividade simbólica nessas idades é incipiente, e, que eu saiba, somente o método de observação de Esther Bick tem condição de acompanhar manifestações do bebê, como sons, manipulações e brincar, contextualizando-as na interação mãe-bebê.

Não estamos falando de desenvolvimento cognitivo do bebê, e, sim, do comportamento do bebê em interação com a mãe (ou substituta), do qual podemos inferir significados, tendo como referências teóricas Klein, Bion e Bick.

Comentamos em outro trabalho, “Da clínica psicanalítica à pesquisa em psicanálise” (2003), as possíveis motivações para que um psicanalista clínico adentrasse o mundo da pesquisa, no mundo do “homem científico”!

A pesquisa empírica aplicada ao desenvolvimento infantil pareceu-nos totalmente longe de nossos ideais para investigar mundo interno e interação da criança com seus pais. Principalmente o método de colheita do material a ser estudado, a nosso ver, se distanciava muito do método psicanalítico. Desenvolvemos, então, um método para a colheita do material.

Mesmo tendo como crença que o caminho mais curto para se aproximar da realidade psíquica é o apontado pelo “homem artístico”, grandes poetas, pintores, escultores, músicos e outros, que foram os que primeiro deram significado ao nosso mundo mental, e depois que Freud construiu uma técnica e um modelo de mente, enfim, uma psicologia, valeu seguir minha “curiosidade” científica e, agora, contar a vocês alguns resultados dessa jornada.



*O objetivo deste livro é mostrar* a intimidade da formação de símbolos como continentes de significado emocional durante o processo analítico, sendo eles entendidos, atualmente, como símbolos autônomos, construídos pelo indivíduo, diferentemente dos símbolos vindos da cultura ou dos signos. Para tanto, servimo-nos de cenas colhidas de bebês em um *setting* de observação e de sessões de análise de crianças e de adultos.

O interesse de Meg H. Williams em formações simbólicas e a expectativa dela de que psicanalistas pudessem mostrar a intimidade da formação simbólica durante as sessões de análise foram, sem dúvida, o empurrão que faltava para que eu me decidisse a escrever algo de minha experiência a respeito do tema.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-545-9



9 786555 065459



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## **Símbolos em psicanálise**

Continentes de experiências emocionais

---

**Marisa Pelella Mélega**

ISBN: 9786555065459

Páginas: 182

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022

---